



PARTIDO AFRICANO DA INDEPENDÊNCIA DA GUINÉ E CABO VERDE

PARA A FRENTE !

VAMOS MELHORAR E REFORÇAR A NOSSA ACCÃO,  
TIRAR O MÁXIMO RENDIMENTO DOS SUCESSOS  
ALCANÇADOS NO ANO FINDO, OBTER NOVAS E  
MAIORES VITÓRIAS E CAUSAR AO INIMIGO  
PERDAS MAIS PESADAS EM 1971

---

AHS

Mensagem do novo ano,  
do camarada Amilcar Cabral, com  
referência à agressão criminosa  
dos colonialistas portugueses  
contra a República da Guiné

1º de Janeiro de 1971

THE UNIVERSITY OF CHICAGO LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY  
540 EAST 57TH STREET  
CHICAGO, ILLINOIS 60637  
TEL: 773-936-3200

AHS

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY  
540 EAST 57TH STREET  
CHICAGO, ILLINOIS 60637  
TEL: 773-936-3200

THE UNIVERSITY OF CHICAGO LIBRARY



AHS

Esta Mensagem foi lida aos  
microfones da Rádio Liber-  
tação, por ocasião do Ano  
Novo

AHS

AMERICAN HISTORICAL SOCIETY  
400 NORTH 34TH STREET  
PHILADELPHIA, PA. 19104  
(215) 261-2000





Camaradas e compatriotas,

Parece-me que neste fim do ano de 1970 que foi tão rico de acontecimentos importantes e começo dum novo ano da luta gloriosa do nosso povo africano pela independência nacional e o progresso na Guiné e Cabo Verde, devo, nesta Mensagem, falar-vos principalmente da agressão ignóbil feita, há cinco semanas, pelos criminosos colonialistas portugueses contra o povo irmão da República da Guiné.

Esse acontecimento está ainda fresco na memória de todos, mas merece uma atenção especial da nossa parte. Merece-a, em primeiro lugar, porque é um facto de grande importância não só no quadro da nossa luta armada de libertação, mas também para a História da África e do colonialismo português, senão para a luta geral dos povos contra o imperialismo. Em segundo lugar, porque é uma experiência nova, e devemos tirar dela as lições que se impõem, tanto para o presente como para o futuro da luta do nosso povo pelo progresso, na independência e na dignidade. Finalmente, porque é uma vitória fecunda do nosso Partido - do nosso povo, portanto - e da África, assim como de todas as forças anti-imperialistas. Uma vitória para o nosso povo, e uma das mais vergonhosas senão a mais vergonhosa derrota do colonialismo português ao longo da sua história.

Claro que para nós, combatentes e militantes do P.A.I.G.C., representantes legítimos do nosso povo, as batalhas vitoriosas de Conakry e de Kundara, em que tivemos a honra de participar, ao lado do povo irmão da República da Guiné, são mais um episódio da nossa

.../...



luta armada de libertação, que completa agora oito anos. Com efeito, já nos habituámos desde há muito aos actos desesperados dos criminosos colonialistas portugueses, na sua vã tentativa de parar a nossa luta libertadora ou de destruir o nosso grande Partido, na intenção de perpetuar a dominação colonial na nossa terra. Basta lembrar a batalha do Como em 1964, na qual, durante 75 dias, cêrca de três mil soldados colonialistas tentaram desesperadamente reconquistar essa ilha, mas acabaram por ser expulsos pelos nossos combatentes, depois de terem sofrido perdas avaliadas em cêrca de um terço dos efectivos utilizados na invasão. As batalhas do Oio, Cubucaré, Quitáfine, Fronteira Sul (Balana-Gandembel) e mais recentemente Canchungo, são tantas outras páginas gloriosas da nossa luta, em que o inimigo colonialista foi derrotado, apesar dos planos decisivos que tinha pormenorizadamente elaborado. Mas devemos reconhecer que, apesar de estarmos habituados aos actos de desespero e de banditismo, aos crimes mais abomináveis da parte dos colonialistas portugueses, não deixou de ser para nós uma certa surpresa a agressão caracterizada que eles planejaram, organizaram e executaram contra a capital da República da Guiné.

É certo que os colonialistas portugueses haviam já perpetrado muitas provocações e agressões contra os povos irmãos das Repúblicas da Guiné e do Senegal. Cometeram inúmeros crimes contra as populações pacíficas das fronteiras desses países, bombardearam e incendiaram aldeias, roubaram e pilharam, a coberto da mentira de que nós temos bases nos territórios vizinhos, a partir dos quais, segundo eles, atacamos as posições portuguesas. Mas não resta dúvida de que ultrapassaram tudo isso, ao perpetrar a agressão de 22 de Novembro contra Conakry, para a qual tiveram de utilizar os seus próprios barcos e aviões, os seus oficiais e soldados, embora pintados de preto e diluídos em algumas dezenas de mercenários africanos do exército colonial e de renegados e criminosos originários da República da Guiné. Mostraram assim, mais claramente do que nunca, até onde vai o seu desprezo pelas leis internacionais e pela moral do nosso tempo, e revelaram de forma categórica, à África e ao mundo, a natureza tresloucada e criminosa dos colonialistas portugueses.



Lembram-se possivelmente do que afirmei na Mensagem transmitida pela Rádio a 19 de Setembro, por ocasião do décimo quarto aniversário do nosso Partido. Eu dizia : "Neste momento, centenas de renegados e criminosos originários da República da Guiné, são treinados em Bissau para pretensas acções contra o povo irmão deste país livre e independente de África. Mas que o saibam bem os mercenários de todas as origens que pretendem agir contra a República da Guiné : eles não passarão. E aqueles que se juntam aos criminosos colonialistas portugueses, sejam ou não africanos, são condenados à derrota e a cobrir-se de vergonha. A tentativa de perturbar a unidade, a paz e a segurança da República da Guiné - vai saldar-se seguramente, para os colonialistas portugueses, por uma derrota ainda mais vergonhosa do que a que sofreram na sua criminosa intervenção no caso do chamado Biafra".

O facto consumou-se, apesar das dúvidas que tínhamos nessa ocasião. E os colonialistas portugueses foram bem mais longe do que deixava crer a advertência da Mensagem. Com a autorização prévia do Governo de Marcelo Caetano e, seguramente, com o consentimento dos aliados de Portugal colonialista, o governador militar de Bissau e comandante chefe das tropas coloniais de ocupação dos centros urbanos e de alguns quartéis da nossa terra, elaborou em pormenor, com a colaboração do seu Estado Maior e principalmente do comodoro Luciano Bastos da Costa e Silva, comandante da Marinha, os planos da agressão contra a República da Guiné. Elaborados os planos, estes foram submetidos pelo próprio Governador militar à aprovação do Chefe do Governo colonial português, Marcelo Caetano, a quem foi dada garantia do sucesso da empresa e que, duas semanas antes da operação, também recebera, em audiência especial, o comodoro Luciano Bastos e o capitão-tenente Guilherme Almor Alpoim Calvão, que foi designado para comandar a agressão contra Conakry.

Não tendo confiança bastante na eficácia dos renegados originários da República da Guiné, à maior parte destes (cêrca de duas centenas) foi reservada a missão de atacar a região de Kundara, e



só uma minoria (algumas dezenas), destinada principalmente a servir de guia, foi utilizada no desembarque em Conakry. Nesta acção, os colonialistas portugueses empregaram o seguinte pessoal e material de transporte :

- Dois destacamentos de fusileiros especiais, os números 21 e 22, sendo o primeiro comandado pelo primeiro tenente Raul Eugénio Castro Silva, do Quadro do Serviço especial, secundado pelo segundo tenente Eduardo Madureira Veiga Rico; e o segundo, comandado pelo segundo tenente fusileiro Alberto Rebordão de Brito, secundado pelo segundo tenente Benjamim Lopes de Abreu, ambos da Reserva Naval.
- Uma das chamadas companhias de comandos africanos, integrada por elementos socialmente desclassificados e traidores ao nosso povo, enquadrados por alguns dos mais fiés servidores dos colonialistas portugueses, entre os quais o "tenente" João Januário Lopes, que foi capturado pela milícia guineense.
- Algumas dezenas de originários da República da Guiné, cuja traição ao seu povo e a África ficou mais do que nunca demonstrada pelo facto de aceitarem servir de cães dos colonialistas portugueses. Perfazendo ao todo um total de cerca de 350 homens, bem equipados e armados com armas modernas, entre as quais espingardas metralhadoras e automáticas de origem búlgara, do mesmo tipo das usadas pelas Forças armadas da República da Guiné.
- Seis unidades navais, sendo duas do tipo LFG classe "Alfange", que podem transportar cada uma cerca de 150 a 180 homens e são armadas de canhões de 20m/m, e quatro outras do tipo LS classe "Argos" que deslocam 180 toneladas, e são armadas com duas peças de 40m/m. Cada unidade era comandada por dois oficiais, sendo eles e toda a equipagem de origem portuguesa.

Além destes homens e material que participaram no desembarque, estavam prontos para intervir, no caso em que a operação tivesse êxito, caças-bombardeiros do tipo Fiat G-91, aviões de transporte de paraquedistas e vários helicópteros Alouette. Estes homens e material deviam ser utilizados no interior da República da Guiné, para ocupar

.../...



os principais centros urbanos (Kindia, Labé, Kankan, Boké, principalmente), enquanto os mercenários desse país, transportados do Gabu ocupariam a região de Kundara, partindo de Buruntuma.

Como todos sabem já, as forças agressoras partiram da ilha de Soga, no Arquipélago dos Bijagós, onde tinham sido treinados, durante vários meses, os renegados da República da Guiné. Antes da partida, receberam a visita do Governador militar, que lhes reafirmou a certeza no êxito da operação, que, segundo as suas próprias palavras, "era o único meio para acabar com a guerra" no nosso país, quer dizer, para parar a nossa luta de libertação.

Na madrugada de domingo, 22 de Novembro, teve início a operação. Começava, assim, a execução dum dos mais ignóbeis e cobardes crimes praticados contra a África. As tropas coloniais portuguesas e os seus mercenários africanos desembarcaram em vários pontos da cidade de Conakry e arredores, tendo como plano atacar e ocupar 52 objectivos, entre os quais o Palácio e a residência do Presidente da República da Guiné, os principais ministérios, os campos militares, os portos, o aeroporto, a Rádio e outros organismos oficiais do Estado guineense, assim como as instalações do Secretariado do nosso Partido, incluindo a Escola-Piloto e o Jardim de Infância, onde se encontram várias centenas de jovens e crianças. Acto abominável que, embora não tenha conseguido realizar os seus objectivos, revelou o carácter monstruoso, clinicamente anti-africano e racista dos criminosos colonialistas portugueses.

O mundo conhece hoje o desenrolar dos acontecimentos nos dias que se seguiram ao desembarque. Respondendo pronta e corajosamente ao apelo do Presidente Sékou Touré, as forças armadas, as milícias populares e as populações de Conakry, infligiram aos agressores - aos criminosos colonialistas portugueses e seus lacaios - uma derrota tão grande como os crimes que praticaram. Os colonialistas e seus mercenários tiveram de se retirar precipitadamente, abandonando dezenas de prisioneiros e mais duma centena de cadáveres. Na região de Kundara, onde tinham penetrado cerca de duas centenas de



renegados da República da Guiné, enquadrados por elementos do exército colonial português, os agressores foram completamente esmagados, reforçando assim a vergonhosa derrota sofrida pelos criminosos colonialistas portugueses.

A ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (O.N.U.), e a ORGANIZAÇÃO DA UNIDADE AFRICANA (O.U.A.) e, principalmente, a opinião mundial, em todos os continentes, condenaram unânimamente a cobarde agressão dos colonialistas portugueses, cuja culpabilidade criminosa ficou amplamente provada pelos factos e pelo inquérito feito pela Comissão especial da O.N.U. Mesmo os aliados mais fiéis dos colonialistas portugueses não deixaram de condenar a agressão e de manifestar a sua simpatia para com a República da Guiné. A figura criminosa do colonialismo português, derrotado e isolado perante a opinião mundial definiu-se, mais claramente do que nunca, como uma aberração histórica, que é indispensável e urgente liquidar por todos os meios necessários. O crime transformou-se em êrro, e os próprios imperialistas, aliados dos colonialistas portugueses, não lhes perdoarão esse êrro, exactamente porque falharam. Como havíamos previsto, os colonialistas portugueses e seus mercenários de todas as origens não passaram. Nem passarão, quaisquer que sejam os crimes que cometam contra a África.

É muito importante para nós compreender, o mais claramente possível, porquê os colonialistas portugueses cometeram um êrro tão grave e porquê falharam.

Por mais loucos que sejam os colonialistas portugueses ou por mais maníacos que seja o representante deles na nossa terra, não se meteriam numa tal empresa se não estivessem seguros de duas condições : do apoio tácito ou explícito dos seus aliados imperialistas e do êxito da operação. O Governo de Portugal sabe bem quanto dependem as suas guerras coloniais do apoio político e material dos seus aliados imperialistas. Estes, não se opondo à agressão criminosa contra a República da Guiné, acalentavam uma esperança, desejavam a realização dum sonho já velho, que lhes é muito caro : destruir o regi-



me popular, democrático e anti-neocolonialista desta terra livre e independente da África, cujo exemplo fecundo constitui um obstáculo permanente à recolonização do continente. Por isso, aceitaram que os colonialistas portugueses, cuja situação difícil conhecem, servissem de instrumento para realizar o crime da agressão contra a República da Guiné.

Os colonialistas portugueses, por seu lado, tinham e têm razões bastantes para participarem em qualquer empresa que lhes dê, no desespero em que vivem na nossa terra, a esperança de conseguir destruir o nosso Partido, parar a nossa luta de libertação e recolonizar totalmente o nosso povo. O sonho imperialista de destruir o regime guineense e de substituí-lo por outro que seja submisso à dominação neo-colonialista, é também o sonho dos colonialistas portugueses. Porque, tendo sido forçado, desde há algum tempo, a reconhecer que, apesar de todos os seus crimes, não podem parar a nossa luta no interior do país, convenceram-se de que a destruição do regime guineense - nosso principal apoio no exterior - é, como o afirmou o Governador militar de Bissau, "a única maneira de acabar com a guerra na Guiné", quer dizer, de liquidar o nosso Partido e parar, assim, a nossa luta armada de libertação. Esta é a razão porque os colonialistas portugueses serviram de instrumento desesperado, mas consciente, do imperialismo mundial, na sua agressão contra a República da Guiné. Para tentar disfarçar o seu crime, os colonialistas portugueses serviram-se, por sua vez, tanto no ataque a Conakry como em Kundara, de alguns grupos de originários da República da Guiné que, exactamente por se terem aliado aos piores inimigos da África para tentarem satisfazer as suas ambições políticas ao serviço do imperialismo, deram a prova mais cabal do seu carácter de renegados, de criminosos, de inimigos do povo da República da Guiné e de todos os povos africanos.

Nós, que conhecemos bem a situação desesperada em que se encontram os colonialistas portugueses na nossa terra, e vivemos cotidianamente as suas manobras, mentiras e crimes de toda a espécie, sabemos que eles tem motivos bastantes para tentarem cometer

.../...



todos os crimes - mesmo os mais abomináveis - na vã tentativa de mudar a sua situação. Mas as razões, para os desesperados colonialistas, não estão apenas na nossa terra : estão também em Portugal e no seio das suas próprias tropas coloniais, na luta corajosa dos povos irmãos de Angola e Moçambique e no isolamento cada dia maior do colonialismo português no mundo, com o crescimento da solidariedade africana e internacional em relação à nossa luta.

Na Guiné, o nosso combate pela independência e pelo progresso marcha vitoriosamente. Os nossos combatentes, que em 1969 puzeram fora de combate cerca de 1.500 militares inimigos mortos e feridos, reforçaram a sua acção em todas as frentes no decurso do ano findo. Infligimos aos colonialistas perdas mais importantes não só em quantidade mas também em qualidade, pois tanto liquidámos alguns dos principais quadros da suja guerra que os colonialistas fazem ao nosso povo, como alguns dos principais colaboradores africanos que os servem na sua política de mentiras e de calúnias visando a destruir a nossa luta. Enfrentando com coragem os actos criminosos dos colonialistas, que reforçaram os bombardeamentos com napalm e os assaltos terroristas contra as populações, consolidámos o nosso Estado e a administração nas regiões libertadas, reforçámos a nossa actividade tanto no plano político como no da reconstrução nacional. Conseguimos produzir bastante para manter a elevação constante do ritmo da luta, fornecemos às populações maior quantidade de artigos de primeira necessidade, novos livros e material escolar em maior quantidade aos milhares de alunos das nossas escolas, melhorámos o abastecimento dos hospitais e postos sanitários. O regresso ao país de dezenas de quadros universitários, médicos e profissionais, que acabaram os seus estudos no estrangeiro, veio melhorar grandemente a capacidade de trabalho do Partido tanto no domínio da luta politico-militar como no da reconstrução nacional. No plano da guerra, passámos a utilizar algumas armas mais poderosas, que agravaram as condições já difíceis em que se encontra o inimigo nos seus campos fortificados e nos centros urbanos.

Em Cabo Verde, onde os colonialistas portugueses tiveram de reconhecer a existência da organização do nosso Partido, o aumento da



repressão não fez senão reforçar a determinação dos patriotas e dos militantes no caminho do desenvolvimento da luta. Os progressos realizados no ano findo pelo trabalho clandestino do nosso Partido, mas que se reflete cada dia mais nas contradições e conflitos entre a população (nomeadamente os trabalhadores) e as autoridades coloniais, aumentaram o desespero dos colonialistas. Eles, que conhecem melhor do que ninguém a importância estratégica que tem o Arquipélago para as suas guerras coloniais, viram fracassados os seus esforços absurdos no sentido de convencer os seus aliados a incluírem as ilhas e a Guiné no âmbito do Tratado do Atlântico Norte. Muito importante é também o interesse cada vez maior da emigração cabo-verdiana, em relação ao nosso Partido e à luta, a qual deu, em 1970, provas crescentes de consciência política e de patriotismo, que se traduzirão certamente numa força apreciável para o desenvolvimento da luta no Arquipélago.

Em Portugal, o povo, nomeadamente os trabalhadores, os estudantes e os intelectuais anti-colonialistas e anti-fascistas, reforçaram a sua acção contra a guerra colonial. Em 1970, aumentou consideravelmente o número de deserções no seio do exército colonial, as quais culminaram, nos últimos meses do ano, pela recusa colectiva da guerra colonial por parte de um número importante de oficiais. Estes, já no exterior, manifestaram publicamente o seu repúdio à guerra colonial, enquanto em Portugal mesmo, manifestações realizadas por trabalhadores e estudantes revelaram ao mundo que o povo português compreendeu já que essa guerra é um crime não somente contra os povos africanos mas também contra ele. As sabotagens efectuadas em alguns barcos transportadores de tropas, os actos concretos praticados pelos patriotas portugueses contra a máquina de guerra colonial, mostram que começou uma nova fase na luta corajosa do povo de Portugal pela liberdade, e constituem mais um motivo importante de desespero para os colonialistas.

Em África e no mundo, o prestígio do nosso Partido e da luta, e a solidariedade para com o nosso povo africano, atingiram em 1970



um nível nunca antes igualado. Os países vizinhos do nosso continuam a dar-nos as facilidades de que necessitamos para o desenvolvimento cada dia maior da luta; vários Estados africanos, que antes não tinham dedicado atenção à nossa luta, manifestaram, no decurso do ano findo, o desejo de nos ajudar; e aqueles que já nos davam o seu apoio moral, político e material, deram provas concretas da decisão de reforçar a sua solidariedade em todos os planos. Por outro lado, a tendência africana a que podemos denominar malawismo ou bandismo, que tem como missão principal trair a África, traindo os movimentos de libertação numa aliança nojenta com os racistas e colonialistas, foi severamente desmascarada e isolada, tirando-se assim aos colonialistas portugueses uma das suas maiores esperanças : a de ver os movimentos de libertação da África, e muito particularmente o nosso Partido, abandonados pelos próprios africanos.

Consolidamos e desenvolvemos as nossas relações com os países socialistas, que sempre nos apoiaram, e abrimos novas perspectivas de colaboração com as outras forças anti-colonialistas do mundo, cuja solidariedade para com a nossa luta aumentou no ano findo. A Conferência de Roma e a audiência com o Papa Paulo VI marcaram uma etapa nova da nossa luta no plano internacional, a qual provocou no inimigo colonialista uma desorientação que não soube ou não pôde esconder. Vários Comitês de apoio à nossa luta foram criados na Europa, e conseguimos, em 1970, despertar e desenvolver a solidariedade para com o nosso povo mesmo nos países que são os primeiros aliados do colonialismo português. A Suécia que, como os outros países escandinavos, está disposta a dar-nos todo o apoio humanitário possível, aumentou de 80% a ajuda que nos dera para 1970. Em todos os continentes, cresce dia a dia o interesse e a solidariedade para com a nossa luta, para com o nosso Partido. De acordo com a realidade concreta do nosso país, testemunhada por dezenas de visitantes de várias nacionalidades, opinião mundial sabe hoje que, na nossa terra, o nosso Partido é o verdadeiro detentor do poder na quase totalidade do território nacional. Toda a gente sabe hoje que a nossa situação é comparável à dum Estado independente, que tem uma parte do território nacional, prin-



principalmente os centros urbanos, ocupada por forças armadas estrangeiras. Isso, apesar de todas as manobras e mentiras dos colonialistas portugueses, é mais uma vitória do nosso Partido, amplamente confirmada no ano findo. Mais uma razão de desespero para os colonialistas.

É um tal desespero, reforçado pelas vitórias alcançadas pelos nossos irmãos de Angola e Moçambique e pela pressão crescente exercida contra a guerra colonial tanto pelo povo de Portugal como por alguns dos seus aliados, que levou o Governo português a montar a farsa da revisão da Constituição, com a pretensa inclusão de artigos reformistas para os territórios africanos a que os colonialistas chamam "provincias ultramarinas". Convém notar que a chamada revisão da Constituição proposta por Marcelo Caetano, e a agressão contra a República da Guiné, organizada e executada pelo Estado maior português na nossa terra, são as duas faces duma mesma moeda, constituindo a solução, que os colonialistas consideraram certamente miraculosa, para acabar com as suas guerras coloniais em África, liquidando definitivamente as lutas de libertação do nosso povo e dos povos de Angola e Moçambique. O plano, aprovado pelos imperialistas, consistia no seguinte : Na primeira fase, substituir o actual regime guineense por outro, favorável à dominação portuguesa na nossa terra e a uma evolução por etapas, cujos limites não seriam fixados, conduzindo a uma certa autonomia interna, mas sem qualquer promessa de independência. Instalado esse regime pro-colonialista na República da Guiné, liquidar o nosso Partido, liquidando, assim, a nossa luta, o que seria, segundo eles, grandemente facilitado pelo assassinio dos principais dirigentes da nossa organização. Na segunda fase (que se seguiria à primeira no menor espaço de tempo possível, afim de desviar a atenção internacional do crime praticado contra a República da Guiné), anunciar a revisão da Constituição portuguesa, estabelecendo o "princípio" da autonomia interna das "provincias ultramarinas", a qual só interessaria na realidade Angola e Moçambique que, aliás, são as colónias de povoamento com grande número de colonos europeus. Esse número seria aumentado aceleradamente, com cerca de mais 1 milhão de colonos quer originários de Portu-



gal quer cidadãos brancos de outros países. Na terceira fase, que coincidiria com o desenvolvimento do diálogo e das relações diplomáticas entre alguns países africanos e os colonialistas e racistas, operações militares de grande envergadura e uma ampla campanha política em África seriam levadas à prática para liquidar os restos eventuais do nosso próprio movimento de libertação, mas principalmente os de Angola e Moçambique, seguramente desmoralizados e minados pela queda do regime guineense e pela destruição do nosso Partido. Para essa fase final, os colonialistas contavam, com ou sem razão, com o apoio de alguns Estados africanos.

É este plano que explica o facto, de certo modo incompreensível, de os colonialistas terem cometido o grave erro da agressão contra a República da Guiné apenas alguns dias antes do discurso de Marcelo Caetano, no qual anunciou a inclusão das reformas na Constituição, as quais poderiam suscitar a simpatia e o apoio de certos africanos. É isso que explica também o facto, aparentemente absurdo, de Marcelo Caetano não se ter referido à Guiné e Cabo Verde, quando falou de "autonomia", no seu discurso. Consciente das realidades da nossa terra, ele sabe que, por um lado, nós já somos não só autônomos mas soberanos sobre mais de dois terços do território nacional e, por outro, não há na nossa terra população de origem europeia bastante, para garantir a perspectiva da rodesiação que os colonialistas portugueses pretendem estabelecer em Angola e Moçambique, como única solução aceitável para pôr fim às suas guerras coloniais. É essa perspectiva da criação de novas Rodésias na África austral, da perpetuação da dominação da minoria branca sobre a maioria nativa, em Angola e Moçambique, a única novidade contida na nova Constituição no que respeita a África, apesar das tiradas relativas ao anti-racismo e à sociedade multiracial, do discurso de Marcelo Caetano. Há muitos ingleses anti-racistas, e tanto na África do Sul como na Rodésia existem sociedades multi-raciais, mas isso não chegou nem chegará para destruir o Apartheid, o racismo, a dominação colonial e a exploração desenfreada dos povos africanos desses países. Esta é a verdade que Marcelo Caetano e todos os colonialistas portugueses fingem desconhecer.

.../...



É no âmbito desse plano global, minuciosamente elaborado, que se devem compreender também tanto a escolha de Conakry (aparentemente absurda) para o primeiro ataque, como os objectivos da operação contra a capital guineense. A ocupação de Conakry, logo na primeira fase da agressão, permitiria dominar toda a República da Guiné porque, segundo o ponto de vista dos colonialistas - e isso corresponde infelizmente à realidade em vários casos - quem domina a capital dum país africano, domina todo o país. Era, portanto, indispensável e urgente começar por Conakry que, aliás, de acordo com as informações de que dispunham os agressores, constituia um objectivo bem fácil de conquistar. A invasão da região de Koundara, já depois da derrota de Conakry, foi mais um acto de desespero do que propriamente uma consequência da inércia já adquirida pelos agressores.

Os objectivos principais do desembarque em Conakry eram os seguintes : assassinar o Presidente Sékou Touré, para garantir a perda irreparável da cabeça principal da Revolução guineense; destruir o regime guineense, matando, se necessário, todos os outros dirigentes; colocar no poder os renegados da República da Guiné, alguns dos quais estavam aguardando nos barcos ao largo da capital e outros, nas prisões políticas; assassinar o Secretário Geral do nosso Partido e, eventualmente, outros dirigentes que estivessem presentes em Conakry; destruir todas as instalações do P.A.I.G.C.; e subsidiariamente, libertar os prisioneiros de guerra portugueses.

A análise comparativa, mesmo ligeira, desses objectivos, mostra que um deles subordina todos os outros, se tomamos em consideração tanto a estratégia e a politica imperialistas como os interesses do movimento nacional libertador e da África em geral : a liquidação da Revolução guineense e o assassinio do seu dirigente máximo, o Presidente Sekou Touré, que a incarna. Consumado esse acto, tudo o resto seria fácil, segundo a lógica dos colonialistas portugueses. É essa lógica que explica a selvajaria com que os agressores se atacaram à residência do leader guineense, onde, segundo as informações de que dispunham ele costumava dormir nas noites de sábado.



Mas o que conseguiram os criminosos colonialistas portugueses com a sua agressão ignóbil contra a República da Guiné ? Enquanto puderam beneficiar do efeito da surpresa, mataram alguns elementos da população pacífica de Conakry (mulheres e crianças, principalmente) danificaram alguns edifícios, entre os quais o da referida residência presidencial que ficou completamente destruído; mataram um alemão da RDA e feriram outro; conduziram à morte vergonhosa ou à prisão cerca de duas centenas de africanos, seus próprios servidores; e retiraram-se com os cadáveres e feridos portugueses que poderiam constituir o corpo de delito do seu crime miserável. Na área das instalações do Secretariado do nosso Partido, onde desembarcaram grupos constituídos quase exclusivamente por militares portugueses, com o objectivo de nos matar, de liquidar outros dirigentes e de destruir as nossas instalações, fizeram alguns estragos no edifício do nosso Secretariado, danificaram mais ou menos ligeiramente as casas de habitação de vários estrangeiros, dos quais assassinaram uma criança jugoslava de 12 anos e feriram toda a sua família; feriram gravemente um casal da Alemanha Federal e mataram um cidadão desse país. Diante da resistência corajosa do reduzido grupo de camaradas nossos que defenderam o Secretariado - resistência com que não contavam - os bandidos portugueses não conseguiram aproximar-se bastante da casa do Secretário Geral do Partido, onde se encontrava a sua família, e tiveram de retirar-se. Na retirada, bateram-se assanhadamente para levar com eles os cadáveres e feridos europeus, entre os quais, muito provavelmente, o próprio chefe da missão; e leveram também os prisioneiros de guerra que, aproveitando-se da escassez dos nossos homens, concentrados na defesa do Secretariado do Partido, se tinham juntado a eles. Em Kundara, como toda a gente sabe, os mercenários africanos que, a soldo dos colonialistas portugueses, tentaram infiltrar-se nessa região, foram completamente destroçados, liquidados ou feitos prisioneiros.

Podemos, portanto, dizer que a única coisa que verdadeiramente conseguiram os colonialistas portugueses nesta sua agressão criminosa, foi a libertação de alguns prisioneiros de guerra europeus, a maioria dos quais, aliás, seria posta em liberdade tanto na quadra do natal



como no decurso deste ano, de acôrdo com a decisão já tomada pela direcção do Partido e comunicada a alguns Estados africanos e organizações nacionais ou internacionais humanitárias. Conseguiram isso, pelo preço da vida e da liberdade de mais duma centena de africanos, assim como de alguns militares portugueses. Magro e miserável resultado, quando comparado com os objectivos principais da agressão : liquidação da Revolução guineense e destruição da nossa luta libertadora. Tanto mais que, se tivessem conseguido realizar esses objectivos maiores, não teriam tido necessidade de se bater para poderem retirar-se com os seus cadáveres, feridos e prisioneiros de guerra.

Quero aqui felicitar os poucos guardas do recinto onde estavam os prisioneiros, que, podendo tê-los morto, não o fizeram. Deram mais uma vez prova do elevado grau de consciência política e humanitária dos nossos militantes, respeitando o principio de que nós não devemos matar nenhum ser humano desarmado, que não seja condenado à morte depois de julgamento. Teria sido bem fácil liquidar os prisioneiros, mas para nós é bem preferível que estejam, como estão hoje, perto das suas famílias, que poderão assim realizar melhor, como todo o povo de Portugal, quão mentirosa é a propaganda colonialista que nos apresenta como bandidos e assassinos. Alguns desses prisioneiros, que poderíamos ter considerado como criminosos de guerra, estiveram nas nossas mãos durante vários anos. Demos-lhes todo o apoio e atenção possíveis, um tratamento humano, e fizemos de alguns deles amigos da nossa justa causa. Este é um principio que respeitaremos sempre, quaisquer que sejam as consequências. É evidente que, com a sua agressão contra a República da Guiné e a acção criminosa contra as nossas instalações, os colonialistas criaram um problema delicado para os militares das suas tropas coloniais: que será deles, amanhã, quando forem feitos prisioneiros pelos nossos combatentes ? Que estejam seguros disto : vamos fazer de certeza mais prisioneiros de guerra europeus, mas, como sempre, respeitaremos os nossos principios. Isso até porque, como aconteceu com os seus colegas , a preservação das suas vidas é uma prova real da nos



sa Força, da realidade vitoriosa da nossa guerra de libertação e do carácter criminoso e irremediavelmente perdido, da guerra colonial portuguesa.

Nós, combatentes do P.A.I.G.C., povo da Guiné e Cabo Verde, já estamos habituados às manobras e mentiras dos criminosos colonialistas portugueses, particularmente do seu representante actual na nossa terra. Mas devemos confessar que, no caso da agressão contra a República da Guiné, ultrapassaram tudo quanto antes tinham inventado, para mentir descaradamente. Desgraçado é o povo de Portugal que tem dirigentes capazes de mentir tanto, que são tão cobardes para tentar, pelos meios mais baixos negar a sua responsabilidade provada, numa acção que planearam pormenorizadamente, organizaram e executaram. Mesmo em relação aos prisioneiros, único resultado positivo da operação, inventaram uma história do arco da velha, para tentar fugir à sua responsabilidade. Mas foram mais longe ainda em relação aos seus servidores africanos, mortos ou capturados durante a operação. Inventaram pedidos de asilo político por parte de originários da República da Guiné (os que conseguiram regressar a Bissau), negaram a realidade da identidade de militares africanos aos quais, pouco tempo antes, ofereciam galões e condecorações; e chegaram ao ponto de considerar como desertor e assassino um dos "tenentes" das suas companhias de comandos africanos, João Janeiro Lopes. Os colonialistas portugueses provam assim, mais uma vez, que tinhamos razão quando afirmámos recentemente que eles são verdadeiros gangsters ou bandidos sem o menor escrúpulo, capazes de cometer crimes os mais bárbaros e de utilizar as mais desavergonhadas mentiras. Este é, entre outros, um grande serviço que os colonialistas prestaram à nossa luta.

Evidentemente, dos fracos não reza a história. Mas vale a pena fazer uma referência, mesmo breve, aos africanos, originários da nossa terra ou da República da Guiné, que participaram na operação ao lado dos militares de Portugal, ao serviço dos colonialistas portugueses. Estes, que tudo fizeram para não deixar atrás um só cada-



ver, ferido ou prisioneiro português, abandonaram os seus servidos africanos à sua sorte, quando viram que tinham sido derrotados e tinham de retirar-se. Reduziram assim esses africanos à sua verdadeira condição : a de cães miseráveis, que o dono abandona precipitadamente, quando é apanhado em flagrante delito e tem de fugir. Hoje, mais do que nunca, os africanos que, na nossa terra ou em Angola e Moçambique, servem os colonialistas, conhecem perfeitamente a sorte que lhes espera : a de cães abandonados, mortos ou vivos, quando soar a hora da fuga dos seus donos e a da justiça suprema dos nossos povos africanos. Sabem hoje, melhor do que nunca, para que servem as "companhias africanas", os galões e as condecorações que os colonialistas lhes distribuem como reбуçados, para tentar parar a marcha vitoriosa da nossa luta. Tudo isso não vale o cadáver dum europeu, quando, como aconteceu em Conakry e tem acontecido nos matos da nossa terra, chega a hora da derrota e da fuga. Que pensem bem nisso tudo, os compatriotas que ainda servem os colonialistas portugueses, porque amanhã - amanhã que se aproxima cada dia mais rapidamente - ninguém poderá dizer que não sabia, que a verdade lhe não tocou.

Mas porque falharam os colonialistas portugueses na sua agressão contra a República da Guiné ? A razão do seu falhanço é bem mais simples do que as da sua acção criminosa. Os colonialistas portugueses falharam pela mesma razão porque estão sendo derrotados na nossa terra e serão derrotados nas suas outras guerras coloniais : por causa do seu secular desprezo pelo homem africano.

Esse desprezo, que se traduziu eloquentemente na célebre frase de Salazar - "A África não existe" - é amplamente provado tanto pela História das relações de Portugal com a África, como pelos factos do colonialismo português e o comportamento dos portugueses perante o homem africano.

Dos tempos das chamadas descobertas ou achamentos às grandes negociatas e crimes da escravatura, das guerras de conquista colonial à época de ouro do colonialismo, das primeiras reformas ultra-



marinas às guerras coloniais de genocídio dos nossos dias, os colonialistas portugueses deram sempre provas duma mentalidade supersticiosa e racista em relação ao homem africano, que consideravam e consideram como naturalmente inferior, incapaz de organizar a sua vida e de defender os seus interesses, fácil de enganar, sem cultura e carente de civilização.

Para provar isso tudo, não é necessário invocar as recomendações que os reis de Portugal faziam aos seus navegadores para os contactos com os africanos; não é necessário lembrar os crimes cometidos pelos caçadores e mercadores de escravos, nem a condição desumana que foi imposta, durante todo o tempo do colonialismo, aos nativos africanos, os chamados indígenas, tratados pelos portugueses, juridicamente e realmente, como sub-homens, senão como simples bestas; nem tão pouco é indispensável citar os antigos e modernos dirigentes de Portugal e das colónias, nem mesmo Salazar. Basta ler as lições proferidas na Faculdade de Direito de Lisboa, na parte relativa às colónias, por aquele que é hoje o Presidente de Conselho português, Marcello Caetano; basta fazer o inventário dos crimes cometidos em Angola pelo actual governador militar de Bissau; basta ter conhecimento dos crimes que cometem quotidianamente os oficiais, soldados e aviadores portugueses, contra as populações pacíficas da Guiné, Angola e Moçambique, contra os patriotas africanos.

É no quadro geral desta tradição de desprezo pelo homem africano e de crença na incapacidade congênita dessa "criança grande", como dizem os portugueses, que os colonialistas portugueses planearam e executaram a agressão contra a República da Guiné. Convenceram-se de que encontrariam pela frente um povo fraco, inconsciente e desorganizado. Convencidos da sua superioridade natural, estavam certos de que o homem africano da República da Guiné é incapaz de saber onde estão os seus verdadeiros interesses e de defendê-los com eficácia. Como estão ainda convencidos de que podem enganar as nossas populações com a mentira da sua "Guiné melhor". Os colonialistas portugueses - o português em geral - nunca se lembra de que o africano é um ser humano. Está a custar-lhes e custar-lhes-à cada dia mais caro, aprender que nós somos homens.



Por isso falharam. Por isso falharão em todas as suas empresas em África, donde serão seguramente expulsos os colonialistas portugueses.

Camaradas,

A outra face da moeda da derrota, é a vitória. A derrota vergonhosa sofrida pelos criminosos colonialistas portugueses com a sua cobarde agressão contra a República da Guiné, é uma das mais brilhantes vitórias obtidas por um povo africano na luta contra o imperialismo. O povo da República da Guiné que, sob a direcção do seu grande Partido, o PDG, e do seu leader bem amado, o camarada Sékou Touré, abriu, com a conquista da sua independência, o verdadeiro caminho para a libertação dos povos africanos, deu mais uma contribuição extraordinária para a liquidação da dominação colonial e racista no nosso continente, ao rechazar a agressão criminosa dos colonialistas portugueses. Tendo tido a honra de se baterem ao lado das forças armadas e do povo da República da Guiné, alguns dos nossos militantes e combatentes agiram com eficácia, deram provas de coragem e determinação, e elevaram bem alto o nome do nosso povo e do nosso Partido. Rendo aqui uma homenagem comovida aos dois camaradas tombados no campo da honra em Conakry, e saúdo com entusiasmo todos os membros do nosso Partido, militantes e responsáveis, homens e mulheres que, de armas nas mãos ou no desempenho de outras tarefas do momento, souberam portar-se dignamente, em defesa dos interesses mais sagrados da África. Assim devíamos portarmo-nos e assim nos portamos. Porque é já tradicional para os nossos combatentes baterem-se com coragem e determinação, dar duro no inimigo colonialista, não deixá-lo realizar os seus objectivos. Porque estamos todos conscientes de que a nossa causa é justa e a nossa vitória é certa, quaisquer que sejam os sacrificios a consentir.

Estamos todos de acordo que seria bem difícil aos colonialistas portugueses encontrar, para nós, combatentes do P.A.I.G.C., melhor presente do Ano Novo do que a vergonhosa derrota sofrida na sua agressão contra a República da Guiné. Não lhes agradecemos, porque

.../...



os actos criminosos, mesmo quando se traduzem por derrotas, não se agradecem. Mas devemos todos ser capazes de tomar consciência do profundo significado da agressão portuguesa, tanto para nós, como para a África e o mundo.

Com o seu acto, os colonialistas portugueses mostraram claramente quanto estão desesperados na nossa terra, mas mostraram também, de maneira elucidativa, que os progressos realizados pela nossa luta são irreversíveis, e que nada poderá parar a marcha do nosso povo para a independência na Guiné e Cabo Verde. Contribuíram, de forma eficaz, para reforçar a consciência da África - de todos os africanos honestos - em relação à necessidade da união sólida de todas as forças anti-colonialistas para liquidar a dominação portuguesa no nosso continente. Os resultados da Conferência da OUA, em Lagos (Nigéria), provam essa tomada de consciência e darão seguramente os seus frutos. Com a sua agressão, os colonialistas aumentaram de maneira inesperada, o interesse da África e do mundo pelo nosso povo, pela nossa luta e pelo nosso Partido, cujo prestígio é hoje maior do que nunca. Abriram novas perspectivas para o isolamento do colonialismo português no plano internacional, onde ficou mais claramente definida a importância cada dia maior do nosso combate libertador, pela independência, pela paz e pelo progresso do nosso povo. E, não menos importante, reforçaram em nós todos, a certeza na vitória da nossa luta, a nossa determinação e a própria eficácia dos nossos combatentes, que, nos últimos dois meses do ano, infligiram ao inimigo pesadas baixas, multiplicando a sua acção em todas as frentes. Temos pois, camaradas, razões bastante para entrar com optimismo num novo ano da luta, decididos a melhorar o nosso trabalho em todos os planos, a dar golpes cada dia mais duros nos tuga colonialistas, a defender as conquistas do nosso povo, que é cada dia mais senhor do seu próprio destino. Isso, quaisquer que sejam as manobras, mentiras ou crimes dos colonialistas portugueses.

Camaradas,

Carregando o pesado fardo da sua suja guerra colonial, depois das derrotas que lhes infligimos na nossa terra em 1970 e depois da vergonhosa derrota sofrida na sua agressão contra a República da Guiné,

.../...



os criminosos colonialistas portugueses não estão apenas desesperados, nesta entrada do Novo Ano : sabem que estão perdidos. Por isso mesmo, são capazes de fazer novas manobras, de cometer novos crimes, de tentar novas aventuras, mesmo as mais absurdas, para ver se conseguem sair da situação em que se encontram. Por isso mesmo - e essa é uma das principais lições que devemos tirar da agressão contra a República da Guiné e contra as nossas instalações em Conakry - devemos reforçar a nossa vigilância em todos os domínios, ter cada dia novas e vigorosas iniciativas, estar prontos para nos batermos vitoriosamente contra o inimigo, onde quer que nos encontremos. Por isso mesmo, devemos ser capazes de tirar o maior rendimento das derrotas e fracassos do inimigo colonialista, reforçar a nossa acção, principalmente a luta armada, em todas as frentes, estabelecer objectivos precisos e limitados, mas consequentes, que devemos realizar até o fim, para fazer avançar a luta cada dia com mais vigor.

Porque os criminosos colonialistas portugueses, quaisquer que sejam as mentiras da sua propaganda, estão desorientados e não sabem o que fazer. Mas nós sabemos, porque temos alcançado vitórias decisivas, estamos na nossa terra africana, temos o apoio da África e de todas as forças anti-colonialistas e estamos seguros da vitória.

Para a frente, pois, compatriotas da Guiné e Cabo Verde, na luta gloriosa pela conquista da nossa independência nacional, para a construção do progresso e da felicidade do nosso povo !

Para a frente, heróicos combatentes e militantes do PAIGC, no caminho do cumprimento rigoroso das palavras de ordem do nosso grande Partido, para melhorarmos cada dia a nossa acção, para darmos cada vez golpes mais duros ao inimigo colonialista !

Vamos todos, sob a bandeira do nosso Partido, ao serviço do nosso povo e da África, tirar o máximo rendimento das vitórias alcançadas no ano findo, para fazer de 1971 um ano ainda mais rico em sucessos para a nossa luta !

Viva o P.A.I.G.C., força, luz e guia do nosso povo !

Morte aos criminosos colonialistas portugueses e aos seus vis servidores !



AHS



AHS



AHS